

## O trabalho do editor científico: vocação, precarização e esgotamento

### The work of the scientific editor: vocation, precariousness and exhaustion

### El trabajo del editor científico: vocación, precariedad y agotamiento

*Igor Sacramento*<sup>1,a</sup>

Editor científico da Reciis

[igor.sacramento@icict.fiocruz.br](mailto:igor.sacramento@icict.fiocruz.br) | <https://orcid.org/0000-0003-1509-4778>

*Christovam Barcellos*<sup>2,b</sup>

Editor científico da Reciis

[christovam.barcellos@fiocruz.br](mailto:christovam.barcellos@fiocruz.br) | <https://orcid.org/0000-0002-1161-2753>

*Kizi Mendonça de Araújo*<sup>3,c</sup>

Editora científica da Reciis

[kizi.araujo@icict.fiocruz.br](mailto:kizi.araujo@icict.fiocruz.br) | <https://orcid.org/0000-0002-9378-3299>

<sup>1</sup> Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Laboratório de Comunicação e Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Laboratório de Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>3</sup> Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Laboratório de Comunicação e Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<sup>a</sup> Doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>b</sup> Doutorado em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>c</sup> Doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Palavras-chave:** Periódicos científicos; Gestão editorial; Burocratização da ciência; Precarização da ciência; Financiamento.

**Keywords:** Scientific journals; Editorial management; Bureaucratization of science; Precarization of science; Funding.

**Palabras clave:** Revistas científicas; Gestión editorial; Burocratización de la ciencia; Precarización de la ciencia; Financiamento.

No começo do ano, Maria Elisa Silveira (2024) escreveu um editorial sobre os desafios do trabalho de editor científico. Neste texto, mais uma vez, reforçamos a importância de debater essa questão, para não a relegar ao silêncio, nem à naturalização do cotidiano do trabalho burocrático e da necessidade de fazer circular a produção do conhecimento e nem ao trabalho alienado, em termos marxianos ainda atuais. A insistência na temática pode trazer maior visibilidade à discussão e, torcemos, mudanças de rumos num processo de trabalho tão importante quanto precarizado. Diferentemente do editorial anterior, agora, neste, problematizamos sob o ângulo da vocação e da precarização. Ou, melhor, sob a perspectiva do espraio da retórica da vocação como uma forma discursiva para a promoção da aceitação da precarização.

A ciência tem sido caracterizada há muito tempo como uma prática artesanal e até mesmo como uma vocação. Mais de cem anos atrás, em sua palestra “Ciência como Vocação”, Max Weber prefigurou uma transição. Weber (1993) argumentou que a vocação ou chamado para a ciência é fundamental para sustentar o trabalho científico. Por vocação, Weber quer dizer trabalho visto como algo que cumpre o propósito de vida de alguém, de modo que ele se torna um fim em si mesmo. Para Weber, o trabalho deve ser realizado como se fosse um fim absoluto em si mesmo, uma vocação. Esse significado de vocação não é exclusivo da ciência: veja, por exemplo, A política como vocação, no qual Weber (1996) discute a vocação de políticos e servidores públicos. Da mesma forma, partindo desse conceito de vocação, a literatura contemporânea em psicologia ocupacional e teoria da gestão analisa até que ponto o trabalho contemporâneo, como o de médicos, professores e tratadores de zoológicos, expressa o conceito de vocação.

Mas Weber (1993) detectou a burocratização da ciência quando comparou o trabalho nas universidades alemãs ao dos grandes institutos médicos ou de ciências naturais na Alemanha, ou ao de universidades alemãs e americanas. Embora a ciência seja tradicionalmente tratada como um domínio distinto da organização do trabalho, cada vez mais ela é organizada em torno de grupos de trabalho maiores e mais especializados que se assemelham a pequenas empresas, com o conhecimento como produto. O crescimento da ciência organizada levanta a questão de se também vemos uma estruturação burocrática de grupos de trabalho científicos, com implicações para o sistema de financiamento acadêmico e mercados de trabalho científicos. Com base na teoria da organização, examinamos a relação entre o tamanho do grupo de projeto, o ambiente técnico e a estruturação burocrática do trabalho científico. O *ethos* e as práticas artesanais que ainda dominavam a ciência, mesmo no caso do trabalho colaborativo, para Weber (1993), estavam assumindo formas mais burocráticas. Burocracias, Weber (1993) nos alertou, favorecem medidas quantitativas: universidades não são uma exceção e acadêmicos são, portanto, cada vez mais avaliados de acordo com critérios quantitativos. À medida que as universidades se afastaram da cultura acadêmica para a cultura de auditoria, o status da curiosidade – e erudição – nas universidades diminuiu inevitavelmente, tornando as carreiras acadêmicas muito mais burocráticas. Em outras palavras, a busca excessiva pela produtividade aniquila a paixão pela criação.

O que Weber nos apresenta como cientista está no centro do artigo de Nicolas Langlitz (2019). Weber descreveu cientistas acadêmicos como indivíduos ascetas que conduzem pesquisas como um meio de satisfazer sua curiosidade, sem interesse na utilidade de suas descobertas, focados apenas no problema que querem resolver. Tal combinação de características em um grau extremo sugere um tipo ideal – ou talvez a visão de Weber sobre si mesmo. Ter em mente o que parece ser um autorretrato sublimado torna ainda mais fascinante seguir Langlitz (2019) enquanto ele compara a descrição de Weber com sua própria etnologia de cientistas atuais trabalhando com drogas psicodélicas. Para um deles, o valor da ciência é “brincadeira” e a ciência “não é uma vocação, mas um jogo”. Para eles, e para a maioria dos cientistas naturais, a objetividade mecânica se tornou incontroversa, uma vez que eles criaram – e aceitaram – métodos para superar suas diferenças. Mesmo que, por razões diferentes, os estudiosos das humanidades considerem outra forma de objetividade, nomeadamente o apelo de Weber à ausência de julgamentos de valor, eles formaram um consenso generalizado de que a objetividade nas ciências humanas e sociais que só é atingível na forma de observações empíricas bem-fundamentadas e de suposições causais com respeito a aspectos das realidades socioculturais. Ainda segundo Weber, a fundação de estruturas estatais ou civis burocráticas pressupõe a criação de uma racionalidade própria e a especialização de um corpo administrativo para a execução de suas tarefas, o que inclui o editor e a equipe editorial de revistas científicas.

A vocação de um editor científico abrange funções críticas no processo de publicação acadêmica, equilibrando *expertise* em ciência, habilidades editoriais e supervisão ética. Os editores científicos são, em geral, responsáveis por: 1) garantir que os manuscritos atendam aos padrões científicos e éticos, mantendo

assim a integridade da pesquisa; 2) coordenar o processo de revisão por pares, selecionar revisores apropriados e gerenciar os ciclos de *feedback* entre autores e revisores; 3) ajudar os autores a comunicar suas descobertas de forma clara e eficaz, geralmente fornecendo *feedback* construtivo e revisões; 4) manter as diretrizes relacionadas a plágio, conflitos de interesse e integridade da pesquisa, conforme descrito por organizações como o Committee on Publication Ethics (COPE); e 5) articular conhecimento interdisciplinar, fazendo com que muitos editores trabalhem em várias disciplinas, exigindo uma ampla compreensão de vários campos para avaliar a relevância e a qualidade das submissões.

O processo de burocratização se refere às crescentes demandas administrativas colocadas sobre editores científicos, frequentemente resultando em: 1) a necessidade de conformidade com padrões internacionais (por exemplo, padrões ISO para publicação) exige adesão rígida às diretrizes processuais, o que pode reduzir a flexibilidade nas decisões editoriais; 2) os editores geralmente são obrigados a manter uma extensa documentação do processo de revisão, incluindo comunicações com autores e revisores, o que aumenta sua carga de trabalho; 3) a adoção de sistemas de gestão editorial simplificou alguns processos, mas também pode levar à despersonalização do trabalho editorial, com menos interação direta com autores e revisores; e 4) o aumento dos fatores de impacto e de métricas de citação levou à pressão para publicar em periódicos de alto impacto, às vezes priorizando a quantidade em vez da qualidade. Esse foco em métricas pode comprometer o processo editorial e levar a dilemas éticos.

A precariedade do trabalho de edição científica no Brasil pode ser analisada por meio de vários aspectos principais. De acordo com Oliveira *et al.* (2020), um número considerável de editores não tem contratos formais, resultando em vulnerabilidade à perda de emprego. Relatórios da Associação Brasileira de Editores Científicos (Abec) destacam tendências em condições de emprego, satisfação no trabalho e remuneração para editores científicos no Brasil. Sua pesquisa indica que aproximadamente 65% dos editores estão em situações de emprego precárias (Oliveira *et al.*, 2020).

É frequente que os editores científicos, especialmente em universidades e em institutos de pesquisa, não recebam qualquer remuneração adicional para o exercício do seu trabalho. Certamente isso não significa em nada uma redução de pressões sobre o trabalho do editor científico. Também não corresponde à redução de carga horária em disciplinas (Gulka, 2023; Kern; Uriona-Maldonado, 2022). A demanda por tempos de resposta rápidos para a publicação pode levar a cargas de trabalho excessivas. A pressão para gerenciar várias submissões simultaneamente, em geral, resulta em esgotamento, conforme relatado em várias pesquisas conduzidas pela Abec.

A oportunidade de treinamento e desenvolvimento de habilidades são limitadas. Muitos editores aprendem por meio da experiência em vez de participarem de programas educacionais formais, o que pode prejudicar sua eficácia e crescimento na função.

O trabalho dos editores científicos no Brasil é marcado por um conjunto único de desafios e precariedades que podem impactar significativamente a qualidade da publicação acadêmica. Nos últimos anos, o Brasil viu um grande crescimento do número de periódicos científicos, o que aumentou não só o clima de competição entre autores, revistas e editores, mas também de demandas direcionadas aos editores. Assim como as revistas são avaliadas segundo indicadores quantitativos, aos editores são atribuídos graus de importância segundo sua reputação (índice h ou outras medidas indiretas). Esses profissionais muitas vezes fazem malabarismos com múltiplas responsabilidades, que vão desde gerenciar processos de revisão por pares até garantir a conformidade com padrões éticos, tudo isso enquanto enfrentam um cenário caracterizado por recursos limitados e pouco suporte institucional.

Um dos principais desafios é o financiamento insuficiente para atividades de pesquisa e publicação. Muitos editores científicos operam em universidades ou instituições que lutam com restrições orçamentárias, levando a salários inadequados, ausência de remuneração específica e acesso limitado a oportunidades

de desenvolvimento profissional. Essa falta de apoio financeiro não afeta apenas a remuneração dos editores, mas também dificulta sua capacidade de investir em ferramentas e tecnologias necessárias que poderiam agilizar os processos editoriais. Como resultado, muitos editores recorrem ao uso de sistemas desatualizados, o que pode prejudicar sua eficiência e a qualidade geral dos periódicos que gerenciam.

Além disso, a pressão para publicar é imensa no ambiente acadêmico do Brasil, onde os pesquisadores são frequentemente avaliados com base em seus registros de publicação. Essa pressão pode levar a um aumento de volume e velocidade do fluxo de submissões, sobrecarregando ainda mais os editores e toda a equipe editorial. A carga de trabalho editorial pode ser particularmente pesada em campos que passam por rápido crescimento, nos quais o volume de manuscritos pode exceder a capacidade de conduzir revisões completas por pares. Essa situação levanta preocupações sobre o rigor e a integridade do processo de revisão, pois os editores podem se sentir compelidos a agilizar decisões para gerenciar o *backlog*. Mais uma vez, é a reputação do editor e da revista que está em jogo. Deixar publicar um artigo com suspeição de plágio, fraudulento ou contendo erros tem graves repercussões sobre a carreira do editor, tanto quanto sobre a do autor.

Além disso, a prevalência de periódicos predatórios — aqueles que exploram o modelo de acesso aberto sem fornecer serviços editoriais e de revisão por pares legítimos — complica ainda mais o papel dos editores científicos. Os editores devem navegar nesse cenário com cuidado, distinguindo entre práticas respeitáveis e exploradoras, mantendo a confiança de autores e leitores. Isso requer uma compreensão profunda da ética da publicação e uma capacidade de defender a transparência e a responsabilidade no processo de comunicação acadêmica.

Outra camada de precariedade vem do clima político e econômico flutuante no Brasil, que pode influenciar o financiamento para ciência e tecnologia. Mudanças nas políticas ou prioridades do governo geralmente resultam em suporte inconsistente para pesquisa científica e publicação. Essa incerteza pode dificultar que os editores planejem estratégias de longo prazo para seus periódicos, pois o financiamento pode mudar rapidamente, levando a interrupções nas operações editoriais.

Apesar desses desafios, muitos editores científicos brasileiros estão profundamente comprometidos em promover pesquisas de alta qualidade e apoiar a comunidade acadêmica. Eles frequentemente se envolvem em iniciativas colaborativas que visam melhorar a visibilidade e o impacto da pesquisa brasileira no cenário global. Essa dedicação é louvável, mas também pode levar ao esgotamento, pois os editores frequentemente vão além de suas responsabilidades oficiais sem o apoio institucional adequado.

Concluindo, o trabalho dos editores científicos no Brasil incorpora um equilíbrio precário de paixão, vocação e pressão. Embora desempenhem um papel fundamental na disseminação do conhecimento, seus esforços são frequentemente prejudicados por desafios sistêmicos, desde a instabilidade financeira até as demandas de um ambiente acadêmico cada vez mais competitivo. Abordar essas questões requer um esforço conjunto de instituições, órgãos de financiamento e da comunidade acadêmica para reconhecer e apoiar o trabalho essencial que os editores científicos fazem no avanço da ciência brasileira.

## REFERÊNCIAS

GULKA, Juliana Aparecida. **Tornar-se editor**: trajetória, formação, perfil e atuação de professores universitários em periódicos científicos da Educação. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/254487>. Acesso em: 20 set. 2024.

KERN, Vinícius Medina; URIONA-MALDONADO, Mauricio. O custo da precariedade: o colapso da saúde dos editores é também o colapso da revista. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 484-504, 2022. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245281.484-504>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/110188>. Acesso em: 20 set. 2024.

LANGLITZ, Nicolas. Psychedelic science as cosmic play, psychedelic humanities as perennial polemics? Or why we are still fighting over Max Weber's Science as a Vocation. **Journal of Classical Sociology**, [s. l.], v.19, n.3, p. 275-289, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/1468795X19851405>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1468795X19851405>. Acesso em: 20 set. 2024.

OLIVEIRA, Thaianie *et al.* E se os editores de revistas científicas parassem? A precarização do trabalho acadêmico para além da pandemia. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 2, p. 1-13, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v39i2.45574>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/45574>. Acesso em: 20 set. 2024.

SILVEIRA, Maria Elisa Luiz da. Os eternos e constantes desafios do trabalho editorial. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 1-7, 2024. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v18i1.4288>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/4288>. Acesso em: 20 set. 2024.

WEBER, Max. A política como vocação. *In*: WEBER, Max. **Ciência e política, duas vocações**. 17. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1996. p. 53-124.

WEBER, Max. Ciência como vocação. *In*: WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais. Parte II**. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. Unicamp, 1993.